



O NARCISO LONDRINO - DORIAN GRAY E AS NUANCES DA MELANCOLIA DE OSCAR WILDE

Víctor de Moraes Pereira, Rafael Rubens de Medeiros

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Patos

Autor(a) para correspondência: victor-pereira.vp@academico.ifpb.edu.br; rafael.medeiros@ifpb.edu.br

RESUMO

O Retrato de Dorian Gray, *magnum opus* do autor irlandês Oscar Wilde, perpassa o tempo de sua publicação, abordando questões que até hoje são observadas na sociedade. Um livro repleto de simbologias, sendo chocante e inadequado à sua época, que deve ser lido de forma a analisar os subtextos escritos em suas entrelinhas. No trabalho a seguir, procurou-se fazer uma analogia entre a obra de Wilde, com o clássico poema do pensador grego Ovídio, Narciso, além de destrinchar aspectos da narrativa, como personagens, mensagens subliminares e o contexto histórico a qual foi escrita. Usando de fontes bibliográficas, analisa-se também as nuances melancólicas da escrita do autor, fazendo um detalhamento de sua vida, mostrando uma face do escritor que se conecta com a história criada. Ao fim da pesquisa, concluiu-se que a obra irlandesa funda um movimento de criação de novos “narcisos” no corpo social moderno, e que a narrativa se põe como objeto concreto na vida do autor, que termina sua vida imitando passos de seu personagem, ambos terminando suas existências de formas solitárias, devido à erros cometidos em seus passados.

Palavras-chave: Narciso; Ovídio; Dorian Gray; Wilde; Melancolia;

1 INTRODUÇÃO

O narciso, personagem do mito grego que dá origem e perpetua o termo narcisismo, cria uma narrativa que aflora uma visão de engrandecimento do ser, como algo belo e irreal, tendo que ser adorado e visto como algo perpétuo e divino que “Deseja a si mesmo, em sua ignorância, e, louvando, é a si mesmo que louva” (Ovídio, s/d, p. 65). Viajando do século primeiro, ao século dezenove, Dorian Gray, personagem ícone da *magnum opus* de Oscar Wilde, se interconecta como um novo narciso na era esteticista vitoriana, aflorando na prosa melancólica de Wilde, o afresco do engrandecimento de si, valorização da beleza e repúdio ao envelhecimento.



Neste trabalho, analisa-se O Retrato de Dorian Gray, partindo da comparação do mito grego, e transpassando ideias das políticas históricas abordadas, a ligação da obra com a realidade atual, a importância da mesma para sua época, e citações fundamentais sobre o autor Oscar Wilde, criador da narrativa, que a partir de sua escrita estética, desenvolvida no movimento esteticista inglês que procurava uma forma de arte sem preocupações com mensagens morais, apenas o belo pelo belo, expressiu em seu único romance uma melancolia que refletia seu modo de viver, produzindo obras que marcam o tempo literário pela eternidade, já que, segundo ele próprio “[...] pois a Vida, assim como a poesia ou a pintura, produz suas elaboradas obras primas” (Wilde, 2024, p. 109).

1.1 OBJETIVOS

Buscamos como objetivo geral comparar a obra de Ovídio à história de Dorian Gray, introduzindo as vivências de Oscar Wilde como interferências à escrita de sua obra.

Quanto às especificações, adentramos em conhecer o esteticismo transcrito nas linhas do romance de Wilde, e como essa vertente influenciou a vida do próprio autor. (Objetivo Conceitual); analisar a obra partindo do pressuposto de suas edições censuradas e sem censuras. (Objetivo Procedimental); e, por fim, refletir a importância da obra e seus impactos no passado e na realidade atual (Objetivo Atitudinal).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o arcabouço teórico da pesquisa, bem como para fins de análise, utilizou-se de uma versão do mito Narciso, essa escrita por Ovídio na antiguidade romana, que serviu para a explicação poética sobre a flor narciso e o eco sonoro, e o único romance de Wilde, a obra magna do escritor irlandês que rompeu com a moralidade vitoriana e que se tornou um clássico literário.

2.1 NARCISO



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

Ao nos voltarmos à história de Narciso, é preciso adentrar na versão mais conhecida do mito, escrita pelo poeta Ovídio, um dos grandes líricos latinos, que influenciou a prosa poética de muitos após sua morte, em 18 d.C.

Diz a história, que a ninfa Eco, aquela que falava demais e sempre queria ter a última voz nas discussões, e que foi amaldiçoada por Hera, após a tê-la enganada, a sempre repetir as últimas palavras de quem conversasse com ela, ficando conhecida como “a ninfa de voz sonora, que não responde pelo silêncio a quem lhe fala, e nem fala em primeiro lugar” (Ovídio, s/d, p. 63), se apaixonou por um belo rapaz de nome Narciso. Filho de Liríope, uma ninfa, e Cefiso, a divindade romana que representava os lagos, Narciso, tinha uma beleza estonteante, que era capaz de apaixonar muitos jovens e muitas jovens. Acontece que Narciso era arrogante, e não deixava que ninguém lhe tocasse. Desse modo, após uma tentativa apaixonada e frustrada de Eco de abraçá-lo na floresta, Narciso, com sua ignorância e arrogância, fere os sentimentos da ninfa, dizendo “Afasta-te de mim, nada de abraços! Prefiro morrer, não me entrego a ti!” (Ovídio, s/d, p. 64). Com vergonha, ainda restando amor em si, Eco se isola e começa a definhar, até morrer, e de seu corpo sobrar apenas sua voz, que ainda repete as últimas palavras ditas pelos homens. E assim, Ovídio conta a história da origem do Eco.

Após verem o destino de Eco, um dos jovens da floresta clama à deusa Têmis, a deusa da justiça, para aplicar um castigo a Narciso. Após um dia de caça, Narciso para em uma fonte de água cristalina para beber da água de lá. Porém, ao ver o próprio reflexo, e perceber o quanto é lindo, Narciso se apaixona perdidamente por si mesmo, de modo que não conseguia mais sair de perto da fonte. O jovem, frustrado de não poder tocar o rosto que via, de não poder abraçar aquela bela face, e de sempre que tentava tocá-lo a imagem se tornava turva, morre ali, contemplando sua própria imagem. Mesmo após de morta, o amor de Eco foi tão grande, que repetiu a última palavra dita por Narciso: Adeus.

Consternadas pela morte do belo rapaz, as ninfas da floresta iam preparar o corpo para o funeral, mas, ao chegar na fonte, no lugar do corpo do rapaz, existia uma flor de miolo amarelo e pétalas brancas: a flor de Narciso.

A figura do belo rapaz que morreu por se apaixonar pela própria imagem, ficou perpetuada no imaginário artístico, seja na literatura, nas artes cênicas ou nas artes plásticas.



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

Narciso, se tornou um símbolo do exagero da autoestima, e de como amar a si mesmo nem sempre é sinônimo de algo bom. Por isso, seu nome ficou eternizado em um transtorno de personalidade, o narcisismo, caracterizado pela exaltação do próprio ser e pela falta de empatia para com os próximos. Doravante, já que entendemos a singularidade do conto de Narciso, entenderemos sua conexão com Dorian Gray, e como que sem querer, Wilde reinterpreto a imagem do narciso, em seu personagem mais conhecido.

2.2 DORIAN GRAY

Londres, século XIX. O cenário melancólico de uma cidade transtornada pela revolução industrial faz um jovem irlandês penetrar no universo do esteticismo, uma vertente literária que era febre na literatura inglesa naquela época. Os textos que buscavam a beleza a todo custo, e iam de frente aos ideais conformistas da época vitoriana, sempre eram marcados por muita sensualidade, sendo era marcada como “uma rebelião contra o materialismo, a feiura e o industrialismo vitoriano” (Budner, 2022).

A história criada pelo irlandês, começa em um ateliê de pintura, na qual dois amigos, um pintor chamado Basil Hallward e um lorde escrupuloso nomeado de Henry Wotton, conversam sobre uma mais nova pintura daquele arsenal de quadros: um jovem de pele cristalina, cabelos dourados e traços angelicais. Basil, conta a história do homem pintado na tela, que o havia conhecido despretensiosamente em uma festa, organizada por uma duquesa. O rapaz de traços angelicais, se chamava Dorian Gray, e Basil, por uma longa extensão de linhas, conta o modo em que se apaixonou pelo jovem, e como ele toma um lugar especial em sua criação como: “Eu sabia que estava cara a cara com alguém cuja mera personalidade era tão fascinante que, se eu deixasse, absorveria toda minha essência, toda minha alma, minha própria arte” (Wilde, 2024, p. 31).

Após a semente do entusiasmo inundar o imaginário de lorde Henry, Basil o chama para conhecer Gray, que estava esperando para ser mais uma vez eternizado em uma pintura de seu mais novo amigo artista. Entre as conversas mantidas pelos dois, Henry afronta Dorian, colocando a mostra sua admiração pela beleza do jovem rapaz, edificando sua aparência, e



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

dando sentido apenas à sua juventude. “Imaginei como seria trágico caso deixasse de aproveitar o pouco tempo que durará sua juventude, tão pouco tempo” (Wilde, 2021, p. 78).

Dorian, após ser murchado pelas palavras de lorde Henry, e perceber o quão desencantador será sua velhice, amaldiçoa o quadro pintado por Basil, um belíssimo retrato de seu busto, colocando-o como centro da velhice, enquanto o próprio Dorian, poderá não envelhecer. Gray, não percebe o peso de suas palavras no momento que profere a maldição, mas, ao decorrer da trama, descobriremos se o feitiço proferido pelo jovem deu certo.

É perceptível que para a leitura da história de Dorian Gray, é necessário um conhecimento sobre as versões e edições lançadas ao longo do tempo, desse clássico. A primeira versão lançada por Wilde foi editada pela revista literária *Lippincott's Monthly Magazine* em 1890. Essa primeira versão continha mais expressividade e menos subjetividade nos escritos sobre Gray. Ao lançar essa primeira versão, Wilde sofreu por conta dela, uma tempestade de críticas negativas afirmando que o conteúdo escrito por ele era imoral, insensível, algo que era uma blasfêmia ao que a sociedade vitoriana acreditava. Levando a acusações jurídicas, que quase levaram Wilde a prisão. Um ano depois, uma outra publicação do romance aparece ao público, dessa vez, pela casa editorial *Ward, Lock and Company* editada e revisada pelo próprio Dorian, que dessa vez, retira bastante do conteúdo “imoral” da primeira versão, e acrescenta mais capítulos ao romance, que antes tinha treze acaba por ficar com vinte. A versão de 1891, acabou por ser a mais divulgada e mais editada em tempos póstumos.

Fica a critério do leitor, por assim dizer, qual edição ler. A primeira de 1890, escrita libertinamente por Wilde, e que sofreu repressão, ou, a de 1891, reescrita pelo autor após as críticas de imoralidade e acrescentada de conteúdo. Deixando claro, que para essa pesquisa, usamos a versão de 1890, e comparamos alguns trechos com a versão de 1891, para uma análise mais contemplativa.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa utiliza-se da metodologia qualitativa de cunho descritivo, de fórmula bibliográfica, para analisar fatos e ações congruentes com o tema, usando artigos e



publicações virtuais que falam sobre o autor, uma edição de “As Metamorfoses” de Ovídio, para a explicação do primeiro Narciso e utilizando de duas edições do livro de Oscar Wilde, para uma análise comparativa e contemplativa. Além disso, usa-se uma biografia do autor Irlândes, escrita pelo biógrafo e pesquisador Karl Beckson e editada por René Orstberg, para uma dissecação breve sobre sua vida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O NARCISO LONDRINO

A comparação de Dorian Gray ao personagem mítico da história escrita por Ovídio não é à toa, por sinal, é até mencionada no texto do escritor irlandês, em uma das falas de lorde Henry a Basil Hallward: “[...] esse jovem adônis, que parece feito de marfim e pétalas de rosa. Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso [...]” (Wilde, 2021, p. 56).

Tanto o personagem detalhado por Ovídio, quanto o escrito por Wilde, tencionam o culto à autoestima e a partir de um “acidente” eles começam a propagar um maior zelo a si mesmo, endeusando a juventude e suas características físicas. No caso de Narciso, uma maldição da deusa Têmis, já para Gray, uma conversa com um lorde escrupuloso.

Um fato interessante de se apontar, é que tanto Narciso quanto Dorian Gray, são usados para nomear traços psicológicos de uma pessoa. A chamada Síndrome de Dorian Gray, conforme explicado pelos doutores: Rahul Kashyap, Varun Monga e Sujata Ambalal:

[...] pode ser considerada uma variante do transtorno dismórfico corporal (TDC) devido à semelhança de características entre as duas condições. Indivíduos com ambas as condições demonstram preocupação e preocupação excessiva com a aparência física, frequentemente focando em falhas ou imperfeições percebidas. (AMBALAL; MONGA; KASHYAP, 2023).

A síndrome de Dorian Gray, por mais que seja um termo bastante divulgado, não é aceito na literatura médica como algo teoricamente correto, desse modo, sendo ainda algo informal. Destarte, já que se foi acentuando as características de comparação entre Dorian e Narciso, precisamos divagar sobre o único dos dois que viveu além da sua juventude, quando



se fala de idade. Desse modo, entramos então nas nuances de Dorian Gray, e como ele é uma figura curiosa dentro da perspectiva de seu próprio romance.

4.2 AS ENTRELINHAS

Ao analisarmos o contexto literário proposto, sob o prisma da ideia de literatura da época, sabemos que a figura feminina ainda era bastante vangloriada. Parte-se aqui para uma vertente de análise que situa a escola do romantismo ultra romântico, na qual a mulher era uma figura acima da humana, quase como um anjo, esses aspectos de endeusamento da figura feminina não são tão vistos em *O Retrato de Dorian Gray*. Na verdade, pode-se ir além, e concluir que a figura “feminina” do livro, seria o próprio Dorian.

Há momentos durante a narrativa, em que a beleza do próprio é colocada quase como uma sátira à beleza das mulheres ao seu redor. Em um momento do romance, Dorian tem um caso com uma atriz do teatro suburbano de Londres, no qual se chama Sibyl Vane. Após um desentendimento, os dois se separam, e lorde Henry, ao reencontrar seu novo pupilo, o irradia com a frase: “Tive medo de encontrar você mergulhado em remorso e arrancando seu lindo cabelo encaracolado” (Wilde, 2024, p. 180). A beleza da atriz é descartada da cena, e os cabelos encaracolados de Gray assumem posição de honra.

A proposta do livro de transformar Gray em uma figura quase hermafrodita, não é à toa, visto que o “romance” desse livro esteticista está na subversão de Gray, em uma briga de atenção entre lorde Henry e Basil Hallward.

4.3 TRIÂNGULO AMOROSO OU FRATERNIDADE?

Ao decorrer da narrativa escrita por Wilde, é perceptível uma estranha relação entre os três personagens principais apresentados logo no começo da trama. Essa relação, à primeira vista sendo apenas um relance de uma fraternidade entre três homens, passa a transmitir um ar romântico, em que Dorian é o centro da relação enquanto Henry e Basil atuam como coadjuvantes que procuram a atenção dele.



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

Por exemplo, na passagem do livro que Henry tem o primeiro contato com Gray, Basil, enciumado pela conversa intimista entre eles dois, ameaça o lorde que visava carregar o jovem Dorian às peças do teatro londrino para apresentar-lhe as formas de artes da época, ao qual o pintor responde: “Não tire de mim a única pessoa que faz minha vida absolutamente encantadora e dá à minha arte o que ela possa ter de arrebatadora ou admirável. Preste atenção, Harry, confio em você.” (Wilde, 2021, p. 69).

Esses momentos que mostram o ciúme de Basil para com Dorian Gray, são momentos sutis em que Wilde, espertamente, deixa subentendido nas entrelinhas de sua escrita se de fato há conotação romântica ou não, visto que poderia se tratar apenas de um ciúme de “mestre para aprendiz”, em que Basil queria que Gray continuasse a ter um aspecto frágil e delicado, não se tornando algo grosseiro. Entretanto, Henry por sua vez, almejava em Dorian uma nova caricatura, o transformando em uma versão mais bela de si mesmo, porém, com o mesmo gênio e percepções sociais. De exemplo, quando Gray narra a Henry seus desejos acerca de Sibyl Vane, o olhar do lorde para o garoto não é um olhar de admiração, conforme escrito por Wilde: “Lorde Henry o observou com um sentimento sutil de prazer. Quão diferente ele estava agora do menino tímido e assustado que conhecera no estúdio de Basil Hallward!” (Wilde, 2021, p. 96-97). Essa frase é uma amostra de que o olhar do lorde para o menino não era uma simples admiração, sendo na verdade, algo que provocava prazer nele.

Se de um lado havia um pintor que amava o seu modelo e o venerava como o suprasumo da beleza moderna, e de outro um lorde escrupuloso que varria para fora de sua vida toda convivência social, Gray deveria escolher a qual seguir, claramente não como par romântico, mas como “professor” daquela vida burguesa. E assim como Guiomar, em A Mão e a Luva, há de escolher entre Luís Alves, Estevão e Jorge, e acaba por escolher aquele a quem mais se ligava emocionalmente, desse modo também Gray vai sutilmente se ligando mais a um de seus companheiros.

4.4 HALLWARD, WOTTON, GRAY.

Ao final de tudo, os três personagens são bem caricatos em seus finais. Da metade do livro para o final, Gray se torna uma espécie de mutante. Após se desligar de Sibyl Vane, e



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

perceber que o quadro que seu amigo Basil pintou estava sob efeito do feitiço que ele havia proclamado, o rapaz decide escondê-lo em uma sala afastada de sua casa, e cobri-lo com uma manta funerária. Esse “enterro” do quadro, seria uma forma de Gray deixar enterrado seu futuro. Como o Narciso dessa obra, ainda teria de ter beleza em seu corpo, senão não seria o Narciso, o futuro velho e caquético de Gray foi congelado sob o pano funerário. Desse modo, Dorian vai viver seus anos de vida amontoando conhecimentos e bens (materiais e não materiais) como: doutrina eclesial, pedras preciosas, tecidos, entre outros. Ele vai se mudando de um jovem que antes tinha a beleza, e apenas ela, como algo de valor, para um homem que tinha a beleza, sobretudo a beleza, não somente ela como algo de valor. Com os valores há de vir também os desvalores. Gray amontoa em seu interior pecados e desavenças, que de certa forma, concluem o plano que Henry tinha no começo com ele, transformar Dorian em uma versão mais bela de si mesmo.

O lorde em um momento do livro é totalmente esquecido, diríamos até de propósito, para mostrar como Dorian Gray se tornou uma forma pitoresca do lorde escrupuloso. Wotton, como personagem, é a epítome de todas as críticas que Wilde poderia fazer em seu livro. O lorde é contra o casamento, visto que para ele: “A verdadeira desvantagem do casamento é que ele torna a pessoa altruísta. E as pessoas altruístas são sem graça. Carecem de individualidade.” (Wilde, 2021, p. 103). Wotton também é uma pessoa que vai contra qualquer sentimento de culpa, colocando que para se livrar dos erros cometidos no passado, basta que “[...] cometa-os todos de novo [...] Para recuperar a juventude, basta repetir suas próprias loucuras.” (Wilde, 2024, p. 83). É um personagem que procura reavivar o hedonismo, a filosofia que coloca o prazer como sentido da vida, em uma sociedade vitoriana, extremamente fundamentada em bons costumes, em que até os pecados mais individuais das pessoas são crimes.

Entretanto, temos o terceiro personagem principal, um pintor que amou demais seu modelo, e que pelo amor, também teve um destino cruel. Hallward, é uma persona escrita por Wilde para ilustrar como o amor também é pernicioso. Ao melhor estilo “machadiano” na qual “amores não se encomendam [...] sobretudo não se fingem” (Assis, 2021, p. 62), Hallward almeja que Gary tenha a mesma admiração por ele que o mesmo tem. Do quarto capítulo do livro, até o antepenúltimo, o pintor é esquecido e não é nem citado pelo autor. O



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

motivo, podemos dizer, que é uma forma de mostrar que Gray se inundou pelas ideias que lorde Henry plantara em sua mente. Hallward, ainda admirava Gray e queria ele por perto, porém, o homem angelical já havia decidido a quem seguir. Tanto que, de uma forma desesperada, Hallward confessa sua fixação pelo jovem homem, contando que a paixão pelo modelo de Gray, o impossibilitava de criar coisas novas, como uma devoção ao Narciso. Essa devoção tem um custo, e após uma breve conversa, Gray leva Hallward para ver como estava o quadro que ele tinha pintado. Basil, assustado pela forma assustadora e leprosa que o quadro se tornara, pede a Gray que reze. Algo que o homem não faz. Dessa forma, para terminar de dilacerar o pobre pintor, Gray mata Hallward, como uma forma de livrá-lo daquela devoção que o mesmo tinha.

Basil morreu observando sua magnífica pintura, que um dia se parecia angelical, agora pútrida e derrotada, pelos pecados e desvalores cometidos pelo seu ser de devoção, antes puro, que fora manchado pela influência de um amigo.

4.5 A MORTE DO NARCISO

No final, a história termina de maneira, mais uma vez, melancólica. Gray, transtornado pelo assassinato que cometeu, observando a pintura macabra, decide acabar com ela. Já que antes matou o criador, havia chegado a hora de “matar” a criação. Ao apunhalar a obra, rasgando-a de cima a baixo, Gray se esquece que aquele ser pintado na obra, era ele, por mais que velho e acabado, uma futura de si mesmo. Acabando com nosso futuro, o passado há de ser lembrado de alguma forma. E o passado, para nós humanos, há de ser enterrado junto conosco, nos nossos corpos. Então, ao matar a pintura, Gray acaba com a própria vida, se transformando na versão hedionda que estava na tela. E o quadro, volta a ter a aparência jovem, de quando havia sido pintado pela primeira vez. Assim, o nosso Narciso londrino, morre se tornando aquilo que mais temia: velho e sem sua beleza. Enquanto o quadro, aquele que havia sido amaldiçoado, guardará sua beleza para sempre. Sem querer, Gray se esqueceu que não se pode matar seu futuro, sem antes acabar com o passado também, e por isso, faleceu por um erro.



4.6 OS NOVOS DORIAN GRAY 'S.

Para terminar a análise, apenas um adendo. Quantos são os novos Dorian Gray 's que buscam incessantemente estagnar-se em uma versão passada e mais bonita de si, amaldiçoando seu futuro, e tentando passar o feitiço do tempo para quadros? Os quadros, hoje em dia, se tornaram mídias sociais, em que a cada novo filtro e à cada nova edição feita em fotos para serem publicadas, há a tentativa de apagar, mesmo que um pouco, da sua velhice.

E atualmente o desejo de Dorian de ser eternamente jovem seria atendido, ou talvez parcialmente, visto que as intervenções cirúrgicas feitas para tentar alcançar a fonte juventude, lapidando um rosto e um corpo perfeito estão em voga. Segundo dados do jornal Folha de São Paulo, o Brasil é o país que mais realiza intervenções plásticas estéticas no mundo. “Em 2024, o país registrou 3.123.758 procedimentos estéticos —o equivalente a 9% do total global.” (Basílio, 2025). Dados que mostram uma procura imparável para congelar o futuro, e extinguir a sua versão mais idosa, são um retrato de uma sociedade na qual os princípios estéticos e do culto à beleza voltam para dominar a população, mesmo que seja algo antigo e perceptível em outras gerações.

As intervenções não são apenas cirúrgicas: cápsulas milagrosas, bebidas de emagrecimento, dietas lunares, tudo para uma imagem que seja gratificante aos olhos do espelho de casa. E como exposto pela jornalista Stéfani Fontanive, na sua reportagem “Número de cirurgias plásticas cresce a cada ano e suscita debates sobre a autoimagem na sociedade de consumo”, a busca por alterar o próprio corpo não é mais algo pequeno, e sim um enorme mercado, que assim como os desejos do Narciso londrino, busca de toda forma produzir uma versão esculpida de um ser humano que, na teoria, não deve envelhecer:

Nos grupos de Facebook, há um detalhe que exemplifica a produtização das cirurgias plásticas: as constantes propagandas de consórcios para cirurgias plásticas. Empresas que se denominam intermediárias de serviços estéticos fazem consórcio para a realização de cirurgias. No site de uma delas, lê-se a frase “o corpo dos seus sonhos começa aqui”. De acordo com as informações disponíveis, cirurgias de 2 mil a 100 mil reais podem ser financiadas pelo consórcio. Há, ainda, outras empresas de empréstimos e financiamentos para custearem os procedimentos (Fontanive, 2023).



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

Figura 01 - Anúncio online de cirurgia



Fonte:

<https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-em-na-sociedade-de-consumo/>

4. 7 O AUTOR DA OBRA.

Deixando Gray de lado, podemos focar em quem foi o autor da obra. Oscar Wilde, filho de um cirurgião otorrinolaringologista irlandês e de uma poetisa francesa, teve sua infância na alta sociedade irlandesa, frequentando bons estudos e tendo contato com a literatura esteticista no auge da sua juventude. Wilde usou de sua posição social para



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

promover esse movimento da América ao Reino Unido, dando palestras, e até na sua maneira de se vestir com seu traje estético de casaco de veludo, calções até ao joelho e meias de seda preta. Wilde, casou-se em 1884, com Constance Lloyd, na qual, fruto da união, nasceram dois filhos.

Em 1890 veio a publicação de seu único romance, a história do nosso Narciso Londrino, e daí, em 1891, vêm um período curioso na vida do escritor. Wilde, teve relacionamentos com vários jovens vitorianos, entre eles, Lord Alfred Douglas, 16 anos mais novo que Wilde. Nessa época, Wilde tinha 37 anos e Lord Alfred, 21. Bem, com isso, o escritor sofre uma acusação pelo pai do jovem Alfred de sodomia, a qual Wilde rebate com a acusação de difamação criminal. Wilde, depois dessa acusação, se torna um símbolo, mesmo que posteriormente, da resistência aos “sodomitas” britânicos, injustiçados pela repressão político-social, e de acordo com Jérôme Grosclaude, professor doutor da Universidade de Oxford: “Pode muito bem ser verdade que Oscar Wilde seja o homossexual mais famoso por ser homossexual. É pelo menos verdade que sua queda em desgraça na década de 1890 o tornou uma figura eminentemente trágica e um símbolo duradouro da repressão à homossexualidade. Não que ele tenha alcançado esse status na época, nem mesmo nas décadas seguintes.” (Grosclaude, 2016, p. 16). Aqui se faz necessário um acréscimo que, o crime de sodomia foi imputado às pessoas homoafetivas, passível inclusive à pena de morte, até o século vinte, com sua exclusão da lei penal britânica em 1967.

O escritor vai a julgamento, porém perde. Aliás, para que a prisão de Wilde fosse decretada, foram usados trechos do seu romance, a versão escrita de 1890, para acusá-lo de indecência grave. Wilde é condenado a trabalhos forçados em 1895, e em 1897, ao ser solto, vai para a França onde escreve seu último texto antes da morte. A Balada da prisão de Reading, escrita em 1898, é um poema que narra a tristeza e a solidão do ambiente carcerário, na qual o escritor repassa suas últimas mensagens com ar de desesperança.

Na prisão de Reading, perto da cidade de Reading;
Há um poço de vergonha;
E nele jaz um homem miserável;
Comido pelos dentes da chama;
Ele jaz num sudário em chamas;
E seu túmulo não tem nome (Wilde, 1898).



O escritor morreu em 1900, vítima de meningite aguda. Wilde, morreu solitário, visto que sua ex-esposa o deixou após a prisão. Constance, morreu em 1898, em Gênova, na Itália, sob o novo sobrenome de Constance Holland para se distanciar das polêmicas envolvendo Wilde. O escritor, antes da morte, recebe a extrema unção, e volta para os braços da Igreja Católica. Hoje, seu corpo descansa no Cemitério *Père-Lachaise* em Paris, com seu túmulo tendo que ser guardado por uma redoma de vidro, após seus fãs vandalizarem com beijos e mensagens póstumas de carinho e admiração.

Por fim, para o término da nossa pesquisa, parafraseamos um dos versos de A Balada da Prisão Reading: “O mata aquilo que ama [...] o covarde com uma punhalada no peito, o corajoso com um livro imoral”. Deixamos a sentença à deriva do leitor, sem explicações, para que o mesmo construa um pensamento crítico sobre a vida de Wilde, seu único romance e o mito grego de Ovídio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho vem para atribuir uma nova percepção à figura de Dorian Gray. Coloca-lo em comparação com Narciso, escrito bem antes dele, é uma forma de mostrar que desde sempre houve a figura do ser humano angelical, e que preza por sempre permanecer com a mesma face, porém, esquecendo-se da premissa natural de que nada é para sempre. Nesse contexto, Dorian não se torna apenas um Narciso Londrino, ele inaugura vários outros Narcisos que vem após ele.

Por fim, as nuances melancólicas escritas por Wilde em sua *magnum opus*, sendo Dorian a epítome de toda essa visão esteticista, mostra que, além de ser um homem polêmico, Wilde era um visionário e sonhador. O escritor, que por um crime imputado por amar, morre solitário, assim como sua criação. Infelizmente, ao publicar sua obra prima, Wilde não percebe que assim como Dorian, ao proferir o feitiço sob o quadro, assassina seu futuro, tornando a única escapatória para sua vida soturna, rodeada pelos pecados e repressões sofridas pelas decisões tomadas quando jovem, a morte.



Cuidar do planeta, cuidar das pessoas:

Cultura Oceânica e Educação Inclusiva para uma Sociedade Sustentável

REFERÊNCIAS

BUDNER, Sônia. **ESTETICISMO A ARTE DO BELO**. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/esteticismo-a-arte-do-belo/> Acesso em: 27 Ago 2025.

BECKSON, Karl; OSTBERG, René. **OSCAR WILDE**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Oscar-Wilde> Acesso em: 10 Out 2025.

AMBALAL, Sujata. M; MONGA, Verun; KASHYAP, Rahul. **Exploring the Dorian Gray Trait: Unveiling the Complexities of Perceived Aging and Self-Image**. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10657170/> Acesso em: 28 Ago 2025.

WILDE, Oscar. **THE BALLAD OF READING GAOL**. Disponível em: <https://poets.org/poem/ballad-reading-gaol>. Acesso em: 17 Set 2025.

GROSCLAUDE, Jérôme. **From Bugger to Homosexual: The English sodomite as criminally deviant (1533-1967)**. Disponível em: <https://uca.hal.science/hal-01272782v1/document>. Acesso em: 10 Out 2025.

BASÍLIO, Raíssa. **Brasil é o país que mais realiza cirurgias plásticas estéticas no mundo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2025/07/brasil-e-o-pais-que-mais-realiza-cirurgias-plasticas-esteticas-no-mundo.shtml>

FONTANIVE, Stéfani. **Número de cirurgias plásticas cresce a cada ano e suscita debates sobre a autoimagem na sociedade de consumo**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-na-sociedade-de-consumo/>

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. 1º Edição. Rio de Janeiro - RJ. Editora Antofágica, 2024.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. Edição anotada e sem censura. 1º Edição. Rio de Janeiro - RJ. Biblioteca Azul, 2021

ASSIS, Machado de. **A Mão e a Luva**. 1º Edição. Londrina - PR. Livraria Família Cristã, 2021.

OVÍDIO. **As Metamorfoses**. 1º Edição. LeBooks.